

DESENVOLVENDO A COMPETÊNCIA INTERCULTURAL ATRAVÉS DE INTERAÇÕES VIRTUAIS

Mirelle Amaral de São Bernardo – IFGoiano – Câmpus Ceres

Doutoranda em Linguística pela UFSCar

mirelleasb@hotmail.com

RESUMO

Este artigo discute sobre a relação entre o uso da internet em aulas de língua estrangeira (inglês) e o desenvolvimento da Competência Intercultural de professores e aprendizes. Foram revisitados os conceitos de cultura, competência intercultural e ciberespaço e suas implicações para o ensino de línguas, dentro do contexto da Linguística Aplicada. A interação entre aprendizes de línguas estrangeiras e falantes nativos ou não dessas línguas contribui para o desenvolvimento da Competência Comunicativa e, por conseguinte, da Competência Intercultural dos alunos, uma vez que motiva os aprendizes a fazerem uso da língua-alvo e, ao mesmo tempo, favorece o intercâmbio cultural e linguístico entre os participantes da interação.

Palavras-chave: ensino de inglês, internet, interação, cultura, Competência Intercultural.

ABSTRACT

This article discusses the relationship between the use of internet in foreign language classes (English) and the development of teachers and learners' Intercultural Competence. The concepts of culture, intercultural competence and cyberspace and its implications for language teaching were revisited, within the context of Applied Linguistics. The interaction between foreign language learners and native or non-native speakers of these languages contributes to the development of Communicative Competence and, therefore, the Intercultural Competence of students, since it motivates the learners to make use of the target language and at the same time, promotes the cultural and linguistic exchange among participants of the interaction.

Key-words: English teaching, internet, interaction, culture, Intercultural Competence.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado é uma característica da sociedade atual e é inegável que essas mudanças tecnológicas vieram para ficar, ou melhor, para serem transformadas e melhoradas também no ambiente escolar. Esse novo cenário, o ambiente virtual trazido pela internet, pode promover uma reflexão sobre as mudanças na interação entre as pessoas nos dias de hoje, ajudando-nos a reestruturar concomitantemente alguns tipos de interações específicas, como entre professor-aluno e aluno-aluno.

A utilização de tecnologias - o correio eletrônico, as conexões de redes a bancos de dados, vídeo-texto, conexões via satélite, etc. - possibilitam a interação síncrona e assíncrona entre alunos e professores de todas as partes do mundo, além de uma ampliação do ambiente escolar. Isso altera os paradigmas do ensino e faz com que estes evoluam para modelos mais abertos, flexíveis e ricos na utilização de recursos tecnológicos, em especial os recursos multimídia, para um maior contato com diferentes elementos culturais.

O papel do professor que faz uso de recursos tecnológicos, como a internet, sofre mudanças, uma vez que ele se torna um orientador no processo ensino-aprendizagem, diferentemente daquele profissional tradicional que usava sua posição hierárquica para transmitir um conhecimento pronto e acabado. Esse novo papel consiste em apresentar modelos, explicar as dúvidas que os alunos trazem consigo, redirecionar o foco do aprendizado e oferecer opções aos alunos. Nesse contexto, o professor atua como sendo um moderador do conhecimento e um facilitador das interações de aprendizagem (SHERRY, 1998 *apud* GREGOLIN, 2009 p. 35). Ele pode usar estratégias que atenuem as tensões em busca de facilitar os relacionamentos e propiciar nas atividades de interação um ambiente profícuo de aprendizagem e troca cultural.

Além disso, a interação por meio da internet nas aulas de língua estrangeira facilita a “desestrangeirização” (ALMEIDA FILHO, 2008, p.7) da língua-alvo (doravante L-A), pois oferece ao aprendiz a possibilidade de uma reflexão crítica sobre os elementos socioculturais e sua importância no desenvolvimento dos aspectos interacionais da competência comunicativa¹. No entanto, ao tentarmos entender o que é cultura e como desenvolver a

¹ Este termo está sendo usado aqui conforme definido por Almeida Filho (2006) e revisado por mim e demais colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UnB, no artigo **Suficiência e Adequação dos componentes da Competência Comunicativa de um Professor de LE em Análise**, publicado na revista

Competência Intercultural² dos alunos, deparamo-nos com conceitos complexos e elusivos. O conceito de cultura, por exemplo, é multifacetado, levando em conta que alguns estudiosos relacionam cultura com civilização, com elementos exóticos ou comuns de um grupo, artefatos e invenções, coleção de práticas, cultura como sendo aprendida, transmitida, mutável e múltipla (LEVY, 2007, p. 104). Esse conceito é um dos pilares teóricos para analisarmos o desenvolvimento da Competência Intercultural (doravante CI) seja no ambiente tradicional de aprendizagem de línguas ou através da utilização da internet como ferramenta de interação e comunicação.

1. CIBERESPAÇO X SALA DE AULA

Uma das grandes vantagens do uso da internet para o cidadão moderno é a possibilidade de desenvolver diferentes atividades do cotidiano sem precisar sair de casa. Isso acontece também no âmbito da educação, quando podemos, nos dias de hoje, ter a chance de fazermos diferentes cursos sem precisarmos nos deslocar para as instituições de ensino, bastando acessar uma página da internet. Porém, essa possibilidade de estudo a distância não é a única contribuição da internet para a educação. Mesmo nas turmas presenciais, esse recurso tem o poder de enriquecer a aula, bem como tornar possível a realização de atividades que antes seriam impensáveis. Por exemplo, com a utilização da internet, nós, professores de línguas, podemos colocar nossos alunos em contato com outros alunos de diferentes partes do mundo, em tempo real.

Entretanto, o ensino por meio do ciberespaço, em aulas presenciais ou a distância, exige que haja mudanças nos modelos pedagógicos tradicionais e que nós, professores, nos movamos em direção a novas práticas de ensino e interação (GREGOLIN, 2009, p.41), em busca de atividades que possibilitem a prática da língua a ser adquirida.

Hoje em dia, a internet é considerada uma ferramenta relativamente barata e com um potencial gigantesco para a educação de forma geral. Nesse sentido, é importante que ela faça parte das aulas de línguas, de uma maneira proveitosa e que traga benefícios aos alunos e professores. Ressaltamos que os profissionais da área de ensino e aprendizagem de línguas podem desenvolver modelos pedagógicos que privilegiem a construção do conhecimento, a

Desempenho.

² O conceito de Competência Intercultural, neste trabalho, assemelha-se ao conceito de Sub-Competência Interacional, proposta por Almeida Filho 2009, conforme explicaremos com detalhes no capítulo teórico.

interatividade, a troca cultural, o diálogo, o respeito pela cultura do outro e a intersubjetividade, em busca de um aprendizado eficiente e produtivo.

A seguir analisaremos o termo Cultura e como este está diretamente ligado ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e às interações estabelecidas ao usarmos essa língua em situações reais de comunicação.

2. CULTURA

Segundo França & Santos (2008, p.81) “ensinar uma LE sem ensinar sua cultura, ou não saber nada sobre as pessoas que falam determinada língua e sobre o país da língua-alvo seria incompleto”. As autoras afirmam que os estudiosos que compreendem o processo de ensino e aprendizagem de línguas como parte da educação integral do aluno, defendem o componente cultural como elemento fundamental nesse processo.

O construto *cultura* tem sido pesquisado e debatido há bastante tempo em diferentes áreas de pesquisa, mostrando-se como um termo de difícil definição. A Linguística Aplicada, inicialmente, assumiu os conceitos de cultura trazidos da Antropologia para, depois, procurar definir seus próprios conceitos. Nesse artigo concordamos com o conceito proposto por Lindsay, Robins and Terrel (1999, p.26-27 *apud* LEVY, 2007 p. 108):

Cultura é tudo que você acredita e tudo que você faz que permite identificar-se com as pessoas que são como você e que o distingue das pessoas que discordam de você. Cultura está relacionada a grupo. A cultura é um grupo de pessoas identificadas pela história, valores e padrões de comportamento que compartilham.

Para Laraia (*op cit*, p.52), “não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” e, como reforça o autor, “a linguagem é adquirida e não hereditária, completamente externa e não interna, um produto social e não orgânico” (LARAIA, *op. cit.* p.103) o que reforça a necessidade da interação na aquisição tanto da língua materna quanto de uma LE ou segunda língua (doravante L2).

O também antropólogo Harry Triandis (1990 *apud* BALDWIN, 2009, p.12) faz distinção entre *cultura objetiva*: coisas que podem ser tocadas ou vistas, e *cultura subjetiva*: sistema de pensamentos, crenças e valores que levam à construção desses artefatos. Baldwin

(2009), em seu livro *Redefining Culture*, afirma que, atualmente, as definições de cultura, em sua maioria, atendem às características da *cultura subjetiva*, proposta por Triandis (*op. cit.*), ou seja, um sistema de símbolos relacionado diretamente à comunicação, à linguagem e, como explica Baldwin, com uma ligação entre comunicação e cultura simbiótica e circular, fazendo com que essa influência mútua resulte em uma visão de cultura em constante mudança. Para o autor, “cultura é dinâmica, ativa, mutável, está sempre em movimento”. Quando pessoas com diferentes experiências de vida e conhecimentos entram em contato umas com as outras, essas mudanças tendem a ser mais contundentes.

Intimamente relacionada à natureza dinâmica da cultura estão as identificações culturais, elas são múltiplas, ecléticas, mistas e heterogêneas. Isso significa que cultura não pode ser confundida com etnia ou raça. Mesmo entre grupos culturais específicos pode haver, muitas vezes, identidades culturais conflitantes.

Cada grupo social apresenta suas formas de interação que podem ou não serem iguais às de outro grupo, o que faz com que a língua sofra “marcas” que surgem de acordo com a necessidade de cada comunidade. Segundo Nieto (2010, p. 139-145), a cultura é incorporada no contexto, é influenciada por fatores sociais, políticos e econômicos, é criada e construída socialmente, é dialética e é aprendida com as experiências diárias. Ninguém é capaz de absorver toda a cultura de um determinado grupo e, da mesma forma, ninguém absorve para si a cultura de um único grupo. Nesse sentido, podemos dizer que existe uma instância da cultura que também é individual, construída pelo indivíduo através de suas experiências em diferentes grupos sociais. Como nos mostra Levy (2007, p.108):

Os seres humanos vivem suas vidas como membros de diferentes grupos. Cedo na vida, os grupos a que pertencemos são escolhidos para nós; mais tarde, nós fazemos outras escolhas para nós mesmos. Em nossos primeiros anos, nossa família, comunidade, escola e país de origem, com suas crenças, valores e tradições correspondentes, ajudam a criar nossa primeira orientação cultural. Então, quando crescemos, trabalhamos, viajamos ou aprendemos outra língua, camadas a mais ou outros níveis são adicionados à mistura cultural que forma uma identidade cultural individual³.

³ Minha tradução para: “Human beings live out their lives as members of groups. Early in life, the groups to which we belong are chosen for us; later in life we make more choices for ourselves. In our early years, our family, community, school and home country, with the corresponding beliefs, values and traditions, help create

A língua está intimamente ligada à cultura e é parte importante dela. Apesar de ouvirmos sempre que a língua é a maior representação de uma cultura e que ambas não podem dissociar-se uma da outra, percebemos que, no interior de nossas salas de aulas, algumas vezes, língua e cultura não são tratadas como sendo indissociáveis. Ao contrário, o que presenciamos, quase sempre, é um tipo de ensino que separa a língua da cultura de origem ou que transforma a língua, neste caso, principalmente o inglês, em uma língua mundial ou língua franca, sem uma cultura própria.

Kramsch (1998, p.10) define cultura como sendo “um conjunto dos membros de uma comunidade discursiva que compartilha um espaço comum, social e histórico, além de imaginações comuns”⁴. Isso nos leva a entender que a cultura de um determinado povo transforma-se de acordo com a sociedade e com o período histórico em que se está inserido. A autora afirma ainda que “pessoas diferentes falam diferente porque elas pensam diferentemente e elas pensam diferentemente porque a sua língua oferece maneiras diferentes de expressar o mundo ao seu redor”⁵ (KRAMSCH, *op. cite* p. 11).

Sabemos que as ações comunicativas diferem de uma língua para outra, ou seja, não são universais. De acordo com Hymes (1974), existem regras de uso da língua, que sem as quais as regras gramaticais seriam inúteis. Essas regras seriam os atos de fala que atuam como fatores controladores da forma linguística em sua totalidade. Esses atos de fala seriam, segundo este autor, saber quando falar, quando não falar, de que falar, com quem, onde e de que forma. A capacidade de formarmos enunciados não só gramaticalmente corretos, mas ‘socioculturalmente’ corretos e comunicativamente efetivos. Portanto, faz-se necessário que os aprendizes de uma língua tenham contato com esses elementos sócio-culturais da L-A, além de conhecerem sobre escritores, pintores, cantores e outras personalidades importantes da cultura de origem.

Para tanto, é importante que o professor de uma língua estrangeira conheça, além da língua a qual ensina, os elementos culturais dessa língua para que seja capaz de mediar o aprendizado de seus alunos de forma global - língua e cultura - facilitando sua reflexão e a contraposição desta com sua língua e cultura materna. Isso faz com que o aluno possa adotar

our primary cultural orientation. Then as we grow, work, travel, or learn another language, further layers or levels are added to the cultural mix that form an individual’s cultural identity”.

⁴ Minha tradução para: “Culture can be defined as membership in a discourse community that shares a common social space and history, and common imaginings”.

⁵ Minha tradução para “ different people speak differently because they think differently, and that they think differently because their language offers them different ways of expressing the world around them”.

uma postura crítica sobre o que aprende e sobre sua própria cultura, não no sentido de supervalorizar ou menosprezar a própria cultura ou a do outro, mas buscando entender que cada sociedade tem suas características linguísticas e culturais e que estas surgem de acordo com as necessidades desse grupo. Assim, quanto mais sabemos sobre o conceito de cultura em si, melhor preparados estaremos para desenvolver os elementos pedagógicos necessários para um processo de ensino e aprendizagem de cultura realmente eficaz.

Quando um indivíduo começa aprender uma outra língua, ele não é mais uma “lousa em branco” culturalmente falando como ele o é linguisticamente, como afirma Levy (2007, p.105), esse indivíduo já tem formado certos conceitos, estereótipos e expectativas sobre a realidade cultural dessa nova língua e esses conceitos, estereótipos e expectativas irão influenciar sua maneira de compreender e interpretar a cultura da outra língua.

De fato, nossa experiência cultural molda nossas atitudes, crenças, emoções e valores e tudo isso pode projetar na cultura da L-A as referências da cultura nativa, original. Isso pode ser notado no ensino de línguas estrangeiras e talvez de maneira especial no ensino de Inglês como língua estrangeira, uma vez que o Inglês é reconhecido como língua global e representa um papel especial no mundo econômico globalizado. Onde quer que ele seja usado como língua de interação, podemos perceber marcas particulares culturais, econômicas e até de valores religiosos. Assim sendo, mesmo em contextos educacionais, os professores de LE tendem a transmitir junto com a língua que ensinam uma visão de mundo que promovem os valores e os pressupostos culturais da língua materna, provocando marcas próprias nessa LE.

De acordo com Patrikis (1988) citado em OmaggioHadley (1993, p.368 apud LEVY, 2007, p. 106):

Para o bem ou para o mal, todos nós temos preconceitos. Vemos as coisas em termos daquilo que nós conhecemos. A educação, no entanto, pode transformar um preconceito em uma perspectiva que abre os olhos e permite compreender melhor do que uma cegueira que restringe a visão e garante a ignorância.

No intuito de promover uma interação estreita e real com falantes nativos ou não da L-A, a internet, com suas possibilidades de navegação, pode servir como ferramenta de interação de fácil acesso e baixo custo, tanto para professores quanto para alunos, facilitando

o contato dos mesmos com diferentes culturas em diferentes línguas, tornando-se um ambiente propício para o aprendizado e ajudando a desenvolver a CI, como veremos a seguir.

3. INTERNET E COMPETÊNCIA INTERCULTURAL

O uso do computador conectado à internet traz grandes benefícios ao ensino de línguas. Através da internet podemos ter contato com materiais autênticos escritos e em áudio, podemos também interagir com falantes nativos de maneira síncrona ou assíncrona, aprender sobre elementos culturais de um determinado país. Fox (2005, p. 15) complementa a idéia da riqueza do uso da internet no ensino de línguas, afirmando que esta fornece aos alunos uma experiência autêntica de contato com a língua que está sendo aprendida, além de propiciar-lhes experiências comunicativas relacionadas às suas necessidades e motivá-los a usar a L-A no dia-a-dia.

Para Almeida Filho (2008, p.12), a aprendizagem formal de uma língua “que apenas começa estrangeira” se dá em duas modalidades: “uma consciente, monitorada, de regras e formalizações” e a outra “subconsciente” que acontece quando os alunos participam de “situações reais” (as quais preferimos chamar de outras situações sociais que vão além da sala de aula) de interação com outros falantes/usuários dessa língua, possibilitando a construção de significados. É nessa segunda modalidade que a internet pode entrar como facilitadora e mediadora das interações. O *chat*⁶, *e-mail* e a vídeo-conferência podem ser um porta para situações sociais de uso da língua diferentes das que estamos acostumados a vivenciar em sala de aula.

Conforme afirmam Mendes e Lourenço no livro *Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para a aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI* organizado por Telles (2009, p.171) “o atual estágio de desenvolvimento da tecnologia [...] configura hoje um mundo muito mais interligado e com maiores possibilidades de contato intercultural”, isso propicia um espaço relevante para o ensino e a aprendizagem de línguas.

A novidade do ciberespaço altera os paradigmas tradicionais da educação, do ensino de línguas e da sociedade como um todo. Como afirma Kumaravadivelu (2006, p. 131) a fase atual da globalização é totalmente diferente dos períodos anteriores e o que traz esse traço tão distintivo é a comunicação eletrônica através da internet. Ela é o grande artefato capaz de

diminuir a distância espacial, temporal e capaz de fazer desaparecer as fronteiras, não somente em relação ao comércio, capital e informação, mas principalmente no que diz respeito às idéias, normas, culturas e valores.

Sob o mesmo ponto de vista, Telles (2007, p.2 *apud* GARCIA & LUVIZARI, 2009, P. 185) fala sobre o impacto da internet nas relações culturais:

O impacto dessas novas tecnologias impulsiona uma metamorfose da relação das pessoas com as línguas e as culturas dos povos que habitam o mundo, do ensino e da aprendizagem e da formação dos novos professores para as salas virtuais de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras neste novo milênio.

No entanto, apesar de concordar com Telles, acrescentamos ainda que não somente os professores preparados para as salas de aula virtuais de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras são impulsionados por este impacto, mas também os professores que atuam ou atuarão nas salas de aula presenciais de ensino línguas, uma vez que a internet pode fazer parte da rotina dessas salas, como suporte ao ensino de línguas e como alternativa para facilitar a interação entre os alunos e outros falantes da L-A.

Torna-se necessário definir o conceito de ambiente virtual de aprendizagem. De acordo com Dillenbourg (2003, p.2), existem algumas características que são específicas a esse ambiente. Um ambiente virtual de aprendizagem é um espaço de informações deliberado, construído através de múltipla autoria, propiciando interação educacional, partilhando informações com o mundo e seguindo os avanços tecnológicos; é um espaço social; explicitamente representado. Nesse espaço, os alunos não são apenas ativos, mas são também atores; esse espaço não está restrito à educação a distância; integra múltiplas ferramentas; sobrepõe-se ao ambiente físico.

O autor nos faz um questionamento significativo: “O ambiente virtual irá melhorar a educação?” (DILLENBOURG, 2003, p.13). Ele responde que “potencialmente, sim, mas provavelmente, não” e ainda acrescenta que estes ambientes possuem alguns efeitos potenciais, porém afirma ser difícil configurar as condições que transformariam efeitos potenciais em efeitos reais. No entanto, a eficácia de alguma abordagem, método, técnica ou, até mesmo, de determinado material didático, está vinculada a diferentes fatores como o

⁶ Chat – Sala de bate-papo.

cenário pedagógico, o grau de participação do professor e dos alunos, as condições de infraestrutura e a questões emocionais vinculadas aos atores do processo.

A respeito dessas observações colocadas por Dillenbourg, Almeida Filho (2008, p.19), apresenta uma visão parecida sobre os fatores influenciadores da aquisição de LE, ele propõe um modelo denominado de OGEL (Operação Global de ensino de Línguas), onde mostra a relação entre todas as dimensões existentes no processo de ensino e aprendizagem de uma língua.

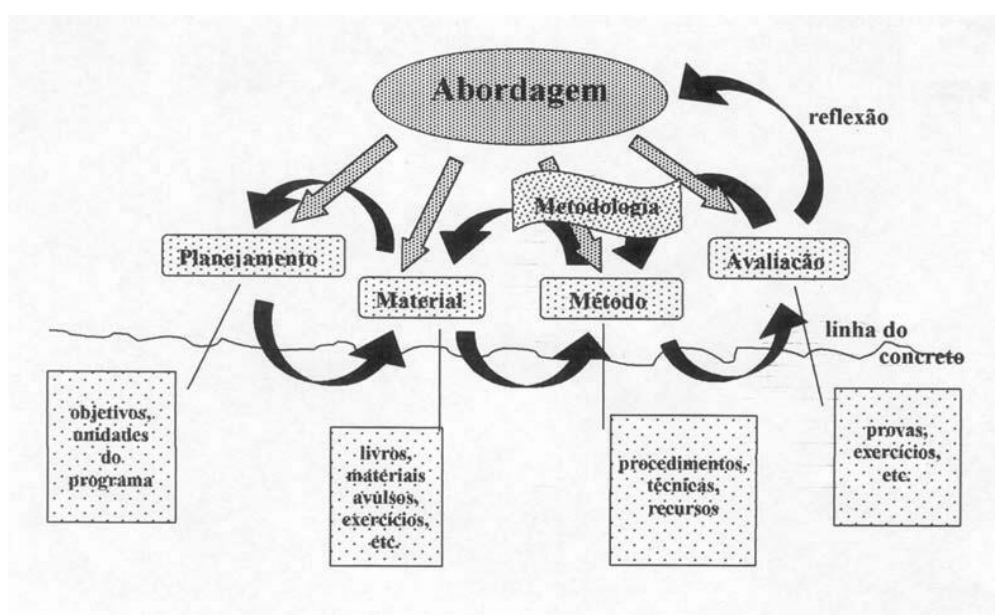


Figura 2: OGEL – Modelo da Operação Global de Ensino de línguas.

Essas dimensões são tanto importantes para que o processo de ensino e aprendizagem seja bem sucedido, como podem provocar um efeito contrário ao desejado, caso não estejam alinhadas entre si, visto que cada uma delas tem seu valor e influenciam o desenrolar desse processo. Além disso, elas podem estar presentes nas diferentes possibilidades de ambiente de aprendizagem, quer seja presencial ou virtual.

A característica mais relevante dos ambientes virtuais de aprendizagem é que eles apoiam a interação social de diferentes maneiras: interações síncronas *versus* assíncronas, baseada em textos *versus* baseada em áudio ou vídeo, um para um *versus* um para vários (DILLENBOURG, 2003, p.16). Além disso, Dillenbourg (2003, *op. cit.*) argumenta que o

desafio pedagógico não é conseguir imitar no ambiente virtual a interação *face-to-face*, mas explorar diferentes funcionalidades de comunicação que sejam eficazes nesse contexto de aprendizagem.

O conceito de tecnologia é também cultural, quer seja como artefatos criados por grupos sociais para atender às suas necessidades, quer seja, no caso da internet, pelo surgimento de novos paradigmas relacionados à interação, novos tipos de letramentos, comercialização, etc. Com o advento da internet e dos muitos tipos de relacionamentos que se formaram através desse ambiente, uma nova dimensão de grupo surgiu. Grupos virtuais e culturas digitais que fornecem novos espaços para comunidades serem criadas e mantidas, mesmo que sem o contato físico entre os membros. O ambiente *online* adiciona mais camadas de complexidade ao conceito de cultura, como afirmamos anteriormente com as palavras de Levy (2007, p.108).

Karamavadivelu (2006, p.131-132) cita um novo tipo de globalização, a globalização cultural, proporcionada por essa possibilidade de interação virtual em grande escala. Segundo o autor, esse tema vem sendo intensamente debatido entre estudiosos de várias disciplinas, porém, infelizmente ainda não foi captado pelos linguistas aplicados de modo significativo. O autor defende que a LA tem um papel especial frente ao mundo globalizado e esse papel deve refletir não só nas universidades, mas da mesma forma nas escolas regulares, em busca de um ensino de inglês contemporâneo e contextualizado.

Portanto, reforça-se, neste contexto, a importância do construto **interculturalidade** o qual concebe as culturas como sendo híbridas e faz alusão à capacidade de aceitação da diferença, supondo a possibilidade do diálogo entre iguais, respeitando a diferença de cada um, ou seja, dentro do conceito de interculturalidade, todas as culturas são importantes e valorizadas da mesma maneira, sem deixarem de ser diferentes entre si (MENDES & LOURENÇO, 2009, p.178). Essa interculturalidade envolve um grau de distanciamento do indivíduo da língua e cultura na qual ele foi inicialmente socializado, já que esse indivíduo começa a perceber o mundo com outros olhos. Pois, segundo Laraia (2006, p.67) “cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”.

O construto **intercultural** significa, literalmente, ‘entre culturas’, de acordo com Spencer-Oatey & Franklin (2009, p.3). Isso pode significar qualquer interação entre indivíduos de dois ou mais grupos sociais ou culturais diferentes. Porém, todos nós somos, simultaneamente, participantes de diferentes grupos sociais e culturais. Um mesmo indivíduo

participa e interage com membros de ambientes sociais diferentes como: colegas de trabalho, ambiente acadêmico, amigos do futebol, da academia, igreja, etc.. Nesse caso, levamos em consideração nesse estudo a definição de interculturalidade proposto por Spencer-Oatey & Franklin (*op. cit.*):

Uma situação intercultural é aquela na qual a distância cultural entre os participantes é suficiente para provocar um efeito na interação/comunicação que é notável para pelo menos uma das partes⁷.

Quando grupos de pessoas interagem intensivamente através de um meio, eles constituem uma comunidade. Isso exige objetivos comuns, o que significa também, experiências comuns entre os integrantes. E a resposta-chave para como os sentimentos de filiação ou identidade de grupo surgem nos ambientes de aprendizagem virtual seria a cultura em sua dimensão cognitiva, ou seja, o enfoque conceitual o qual medeia a maneira como os alunos interpretam as situações (DILLENBOURG 2003, *op. cit.*). Nesse caso, a aprendizagem por meio da interação virtual é descrita como o processo de introdução a uma cultura, não um espaço onde os alunos absorvem uma cultura, mas um lugar onde eles co-constroem uma nova cultura ou novas culturas, ou ainda, pelo menos um ambiente onde encontrem a oportunidade de expandir sua própria cultura.

O professor, para atuar nesse ambiente, fazendo uso das novas tecnologias, precisa estar consciente de que deverá exercer novos papéis, repensar suas ações em sala de aula e buscar novas maneiras de planejar e executar suas aulas, assumindo posturas diferentes daquelas que presenciamos no passado (MENDES & LOURENÇO, 2009, p. 187). Nas aulas de línguas tradicionais, quase sempre tínhamos a cultura apresentada como tópicos do currículo ou momentos isolados do planejamento. Na internet, ao contrário, esses aspectos culturais não são tópicos dos quais se fala abstratamente, mas são experimentados pelos alunos em suas ações no processo de aprendizagem virtual.

Porém, a tecnologia ainda vem sendo utilizada, em alguns casos, de forma desvinculada de uma proposta pedagógica que justifique seu uso, alterando-se apenas a maneira como são apresentados os conteúdos. Ao invés de usar quadro e giz, o professor “transmite o conteúdo” através do computador. Não é isso o que se espera de mudança para o ensino de línguas, quando se propõe o uso de computadores ligados à internet. Não se trata de simplesmente

⁷ Minha tradução para “An intercultural situation is one in which the cultural distance between the participants is significant enough to have an effect on interaction/communication that is noticeable to at least one of the parties” (SPENCER-OATEY & FRANKLIN, 2009, p.3).

alterar as ferramentas que utilizaremos para ensinar, e sim, alterarmos a maneira de ensinar. É necessário criarmos ambientes reais de comunicação que favoreçam o desenvolvimento das competências intercultural e comunicativa.

Nesse contexto virtual de comunicação, surgem diferentes paradigmas para as competências necessárias aos indivíduos. Uma delas foi apresentada por Gimenez (2002, p.5, *apud* MENDES & LOURENÇO, 2009, p. 189-190):

Um falante interculturalmente competente seria aquele que opera sua competência linguística e sua conscientização sociolinguística a respeito da relação entre língua e o contexto onde é usada, a fim de interagir ao longo de fronteiras culturais e prever mal-entendidos decorrentes de diferenças em valores, significados e crenças. Os objetivos do ensino intercultural envolveriam a aprendizagem sobre a cultura, a comparação entre culturas e a exploração do significado de cultura.

Gimenez apresenta-nos o conceito de CI, conceito esse extremamente importante ao ensino de línguas estrangeira, por carregar consigo uma característica emocional embutida em seu paradigma. Quando aprendemos uma língua estrangeira, ou seja, uma língua que não é a nossa língua materna, estamos expondo-nos não só à nova estrutura dessa língua, mas também à carga cultural que a língua traz consigo. Vemo-nos assumindo, junto com a língua estrangeira, características de comportamento e até mesmo de pensamento que são parte da cultura de outro povo e não do nosso, originalmente.

Almeida Filho (2009) considera que esta interface cultural necessária ao domínio de uma LE faz parte da Competência Comunicativa (doravante CC), ou seja, a CI estaria, segundo ele, instalada em uma Sub-Competência, na qual, no modelo desenvolvido pelo autor, encontra-se sob o guarda-chuva maior da CC e é denominada de Subcompetência Interacional. Concordamos com o modelo proposto por Almeida Filho, baseando-nos na ideia de que a língua e a cultura, ou os valores sócio-culturais importantes para um bom desempenho em qualquer língua, fazem parte dessa capacidade comunicativa geral, ou seja, estão subordinados à CC do falante da LE e são desenvolvidas concomitantemente, ao passo que o aprendiz vai se tornando comunicativamente competente.

O modelo de CC a que chegou Almeida Filho está representado na figura 3 e é explicado por Souto Franco & Almeida Filho (2009, p. 12-13). De acordo com o desenho, temos no círculo maior a representação da Competência Comunicativa com todas as

Subcompetências que fazem parte desse modelo. No círculo menor interno, aparece a Subcompetência Linguística que é o conhecimento das regras gramaticais de uma língua. No círculo menor, aparece a Subcompetência Metalingüística que representa os conhecimentos e a capacidade de citação de regras explícitas com nomenclatura específica aprendidas conscientemente.

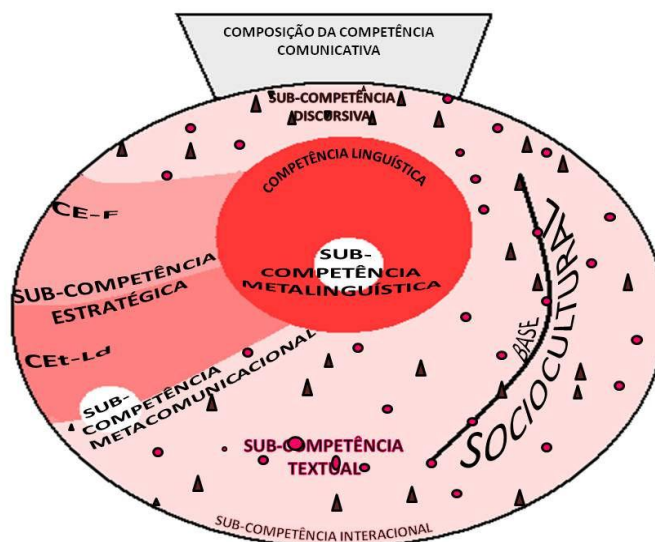


Figura 3: Representação da Competência Comunicativa.⁸

A Subcompetência Interacional, que seria o que, neste modelo, assemelha-se ao que denominamos CI neste estudo, é explicada pelos autores da seguinte maneira:

Na parte da direita, na qual vemos os minúsculos círculos e triângulos vermelhos, está representada a Subcompetência Interacional que é a capacidade de colocar-se em comunicação com outros,(...). As ações comunicacionais se dão sob atitudes específicas dos participantes e num fundo de **referências culturais** que orientam socialmente o que se diz ou a compreensão situada do que se ouve (SOUTO FRANCO & ALMEIDA FILHO 2009, P. 12-13) [Grifo nosso].

Encontra-se na figura, ainda, o componente Metacomunicacional que está à esquerda do desenho, representado por um pequeno círculo vermelho escuro e é caracterizado pela capacidade do falante de uma língua de saber reconhecer e explicar verbalmente com

⁸ Modelo desenvolvido por Almeida Filho durante o projeto “Pró-Formação (Análise e Formação de Professores e Alunos de Língua(s) via Abordagem e Competências) na Universidade de Brasília, juntamente com seus colaboradores.

taxonomia adequada aspectos relevantes da comunicação. Por fim, encontramos a Subcompetência Estratégica (Cf. CANALE e SWAIN, 1980) a qual refere-se aos componentes de compensação e de realce da comunicação, que são: formulaico, estético e lúdico. Ela é formada pela Sub-subcompetência Estratégico- Formulaica e a Sub-subcompetência Estético-Lúdica que se referem à capacidade de relacionar a aquisição da língua com a produção de um discurso sedutor e atraente, sendo o falante capaz de manter o fluxo comunicativo, mesmo quando faltam recursos linguísticos.

Zocaratto et al (2009, p.36) também utilizam-se do desenho apresentado na figura 3 para representar a CC e afirmam que fizeram valer do conceito de Competência Sociolingüística de Canale (1983) para fundamentar o conceito de Competência Interacional:

A Competência Sociolingüística inclui as regras socioculturais e, portanto, trata de produzir e compreender os enunciados de forma apropriada em distintos contextos sociolingüísticos, dependendo de fatores contextuais, tais como o status dos participantes, o propósito da interação e as normas ou convenções da interação (CANALE, 1983, p. 07 apud ZOCARATTO et al, 2009, p. 36)

Essas novas competências referem-se a outro conceito com o qual nos deparamos atualmente, o conceito de **presencialidade**. Podemos estar presentes em uma aula, em um “bate-papo” ou diálogo mesmo que essa presença não seja física. É a “presença virtual”. Interagimos, discutimos, conversamos, podemos até nos ver, mas não estamos no mesmo ambiente físico que o nosso parceiro ou parceiros. Temos, portanto, uma realidade muito nova e que, para muitos não se tornou confortável, ainda.

Smith and Salomon (*apud* WHITE, 2003, p. 29) afirmam que os maiores desafios de usar a internet para aprender línguas seriam o letramento tecnológico e a motivação. White (*op. cit*, p.30) argumenta que com o uso da internet como veículo de aprendizagem, é uma necessidade urgente entender como as influências culturais diferentes afetam as experiências dos aprendizes no ambiente global de aprendizagem *online*.

Não é necessário que o professor de línguas seja um *expert* em tecnologias para usá-las com seus alunos, porém ele precisa sentir-se seguro e capaz de dominar os comandos básicos desse instrumento para aproveitá-lo de maneira mais eficaz, haja vista que a sociedade atual exige de seus cidadãos esse tipo de letramento, o letramento digital.

Silva & Silva (2009, p.77), ressaltam que ao inserir as novas tecnologias no ensino a escola visa formar cidadãos em sintonia com os desafios impostos pela sociedade atual e que, neste caso, o papel do professor sofre mudanças, como dito anteriormente. O professor deixa de ser o “ator principal”, para assumir um importante papel de mediador e orientador do processo de aprendizagem, como sugere a abordagem construtivista, onde “ensinar não é transmitir informações e sim criar ambientes de aprendizagem que favoreçam a construção do conhecimento” (SILVA & SILVA, *op. cit.*).

Nesse sentido, o aluno também recebe diferentes cobranças. Dele é exigida uma postura mais responsável e atuante no seu processo de aprendizagem. Essa mudança nos papéis dos principais atores da educação, professores e alunos, traz consigo certo desconforto para todos, afinal a mudança pode provocar insegurança e medo. Mas ela é essencial para acompanhar as transformações tão velozes que estão acontecendo no mundo globalizado e tecnológico de hoje.

As comunidades globais estão cada vez mais interligadas, interagindo entre si. Como essa relação entre diferentes culturas afeta o processo de aprender das pessoas? Até que ponto essa troca cultural ajuda ou atrapalha, causando barreiras nos processos de aprendizagem de línguas estrangeiras? Tais questões merecem atenção dos pesquisadores, já que o contato virtual entre membros de grupos sociais diferentes é uma realidade cada vez mais presente nas nossas vidas e nas vidas de nossos alunos.

Telles (*op. cit.* p. 67) diz que “[a] tecnologia [tem exercido] uma metamorfose sobre as condições contextuais, sobre as oportunidades de contatos interlinguísticos e interculturais e sobre a relevância do desenvolvimento das habilidades orais”, porém essa transformação faz surgir outras necessidades como a de aprofundar a nossa compreensão dos processos das interações interculturais; promover o letramento digital; compreender a(s) melhor(es) maneiras de usar o computador como mediador da aprendizagem de línguas; promover nas universidades e escolas a formação de professores e aprendizes de línguas sob os novos paradigmas das sociedades informatizadas, dentre outras.

Além de todos esses desafios apresentados pelo autor, estamos convencidos de que precisamos desenvolver nossa autonomia como professores e dar condições aos nossos alunos para que esses desenvolvam a sua autonomia também e sintam-se responsáveis por seu próprio aprendizado. No ambiente virtual os alunos não estão restritos a consultar

informações na rede, conforme salienta Costa & Franco (2005, p.3). Eles tornam-se participantes do jogo, produtores de conhecimento.

Palloff e Pratt (2002, apud SILVA & SILVA, 2009, p.82) reforçam:

É por meio dos relacionamentos e da interação que o conhecimento é fundamentalmente produzido na sala de aula on-line. A comunidade de aprendizagem toma uma nova proporção em tal ambiente e, como consequência, deve ser estimulada e desenvolvida a fim de ser um veículo eficaz para a educação.

A escolha da abordagem a ser utilizada é outra atitude imprescindível para o professor de LE que vai utilizar as interações através da internet em suas aulas. O professor precisa definir que tipo de cultura irá ensinar aos seus alunos, ou seja, qual abordagem cultural utilizará em sala de aula. Sugerimos a Abordagem Intercultural como uma opção de abordagem que acreditamos dar conta desse tipo de metodologia de ensino. França & Santos (2008) definem a Abordagem Intercultural da seguinte maneira:

Nesta proposta, a cultura está ligada ao modo de ver o mundo, e a língua é cultura. O ensino intercultural de línguas inclui três aspectos fundamentais: 1) o ensino de línguacultura; 2) a comparação entre a língua materna/ cultura nativa e língua-alvo/ cultura-alvo; 3) e a exploração intercultural ou de um espaço intermediário (KRAMSCH, 2004; LO BIANCO, LIDDICOAT, CROZET, 1999 *apud* FRANÇA & SANTOS, 2008, p. 85-86).

Ao tratar sobre a Abordagem Intercultural, Kramsch (1993 *apud* MENDES, 2007, p.124) aponta quatro pontos de partida para o ensino da língua associado a sua cultura de origem que, a meu ver, podem e devem ser aproveitados no ensino de línguas em ambiente virtual. O primeiro seria estabelecer uma **esfera de interculturalidade**, colocando a cultura estrangeira em relação com a nossa própria cultura, “ao contrário, portanto, de uma simples transferência de informações, o ensino/aprendizagem intercultural envolve uma constante reflexão não somente sobre a língua-cultura-alvo, mas também sobre a língua-cultura-nativa”. (MENDES, 2007, p.124).

O segundo ponto é ensinar a **cultura como um processo interpessoal**. Este processo baseia-se no fato de que seria inútil ensinar a cultura normativamente como se fosse possível prescrever os aspectos culturais de uma língua. O ideal, portanto, é que os aspectos culturais

sejam “ensinados” ou “transmitidos” em um processo no qual ele mesmo produza “entendimento da estrangeiridade” (MENDES, *op. cit.*).

O terceiro princípio seria ensinar a **cultura como elemento diferenciador**. Kramersch (*op. cit.*) sugere que “além das características nacionais de um país ou região [...] sejam considerados outros tipos de fatores culturais, tais como idade, gênero, origem regional, formação étnica e classe social”.

E o último ponto, mas não menos importante, seria, no processo de aprendizagem intercultural, desconsiderar as fronteiras disciplinares, ou seja, incluir nas leituras dos professores de línguas **estudos** de áreas **interdisciplinares** que envolvam os aspectos culturais como: literatura, estudos desenvolvidos por cientistas sociais, etnógrafos e sociolinguistas.

Portanto, conforme apontam França & Santos (*op cit*, p.87) o desenvolvimento da CI consiste na criação de um “terceiro espaço” que seja uma área de conforto entre a língua-cultura nativa e a língua-cultura-alvo:

[n]um contexto intercultural, aprender língua e cultura supõe-se mais do que tudo um diálogo entre culturas, onde o aprendiz vai agir através da LE, interpretar os usos e as ações culturais dos falantes dessa língua e vai encontrar com outra cultura sem deixar de ser ele mesmo (FRANÇA & SANTOS, 2008, p. 87).

Os princípios citados a pouco resumem os fundamentos sob os quais deve basear-se qualquer proposta ou abordagem que pretenda incluir a cultura e as relações interculturais nos processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras ou segunda língua, quer sejam as propostas que tenham o ambiente virtual como suporte, quer sejam aquelas onde as atividades de interação comunicativa são complementares à aula presencial.

De acordo com White (2003, p.68), “a maioria dos professores de línguas tem desenvolvido seu trabalho em um cenário que inclui um componente substancial que é a interação *face-to-face*”. Esses professores de línguas, num contexto virtual, precisam tornar-se competentes comunicativamente dentro de relações de ensino-aprendizagem que são sustentadas através do uso de uma série de tecnologias, desenvolvendo estratégias para interagirem apropriadamente a distância, além de estarem preparados para orientar seus alunos a trabalharem dentro de um ambiente de comunicação talvez não muito familiar.

Portanto, além de aprenderem a lidar com essa nova possibilidade de interação comunicativa e desenvolverem estratégias para essa interação, os professores que utilizam o ambiente virtual em suas aulas, seja na modalidade a distância ou como complementação do espaço da sala de aula, precisam ensinar essas estratégias aos seus alunos, tornando-os também tecnologicamente ou virtualmente competentes. Essas estratégias não dizem respeito unicamente ao uso da tecnologia em si, uma vez que pressupomos que os alunos já estejam acostumados a ela. Mas estão relacionadas a estratégias de comunicação, de interação, de tomada de turno, posto que a interação virtual difere-se da interação *face-to-face*.

4. CONCLUSÃO

O uso da internet para desenvolver a CI apoia-se na perspectiva sócio-construtivista, defendida por Brown (2007, p.218), que traz a “língua como interação comunicativa entre indivíduos”⁹. Nessa perspectiva, observamos que a justificativa para a aprendizagem de uma língua é o uso efetivo que faremos dela. Os aprendizes, ao entrarem em contato com o mundo através da L-A por intermédio da internet, percebem que a capacidade de compreender e ser compreendido modifica sua identidade, sua visão de mundo e, até mesmo, sua cultura.

Nesse sentido, a ideia de que a CC é um construto dinâmico, que pode ser examinado no desempenho entre dois ou mais indivíduos, agora pode ser trazida para o ciberespaço (LÈVY, 1999), ou seja, um ambiente que apresenta uma materialidade de interação diferente da que estávamos acostumados. Desse modo, o contato *face to face* não é mais o único meio pelo qual avaliamos e desenvolvemos a própria CC ou a dos alunos, já que podemos nos comunicar de forma síncrona ou assíncrona, oralmente ou usando o código escrito, pela internet.

Este artigo pretende confirmar as suposições a respeito da importância de que o ensino de línguas estrangeiras esteja atrelado à sua cultura de origem, pois assim os alunos são capazes de perceber que pessoas de línguas e culturas diferentes podem conviver pacificamente e que, quanto mais alguém sabe sobre os outros, mais ele aprende sobre si mesmo. Além disso, procura corroborar com a suposição de que a internet usada como ferramenta para possibilitar interação entre alunos e falantes de inglês (ou de qualquer outra língua que esteja sendo ensinada) pode proporcionar o desenvolvimento da CC e,

⁹ Minha tradução para “language as interactive communication among individuals”.

consequentemente da CI, dos aprendizes, além de motivar o uso da LE em situações do cotidiano.

Os alunos se mostram motivados a realizar as atividades de interação, a aprender sobre a língua e a cultura dos colaboradores, bem como a compartilhar informações sobre sua própria cultura. Essa atitude favorece o autoconhecimento e a auto-avaliação por parte dos alunos, mas também por parte do professor, que por meio das interações passa a observar seu desempenho comunicativo, percebendo a necessidade da prática contínua do idioma em situações que extrapolem a sala de aula.

5. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 5^a edição. Campinas, SP: Pontes Editora, 2008.

_____. **Linguística Aplicada - Ensino de Línguas e Comunicação**. 2 edição. Campinas: Pontes Editores e ArteLíngua, 2007.

ALVAREZ, M. L.O. & SILVA, K. A. **Linguística Aplicada: Múltiplos Olhares**. São Paulo: Pontes, 2007.

BALDWIN, J. R. **Redefining Culture: conceptualizing culture across disciplines**. New Jersey: LEA, 2009.

BARCELOS, A. A. F. **A cultura de aprender línguas (inglês) de alunos no Curso de Letras**. In: J. C. P. ALMEIDA FILHO (org.), O professor de língua estrangeira em formação. Campinas: Pontes, 2005: 93-110.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas, SP: Associados, 1999.

_____. **O que é Mídia e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BLUM, L. **Stereotypes and Stereotyping: A moral Analysis**. Philosophical Paper, vol. 33, nº 3, 2004: 251-289.

BORG, S. **Teacher cognition in language teaching: A review of research on what teachers think, know, believe and do**. Language teacher, v. 36, 2003.

BROWN, D. **Principles of Language Learning and Teaching**. (Fifth edition). New Jersey: Pearson-Longman, 2007.

CASTELLOTTI, V. & MOORE, D. **Social Representation of Languages and Teaching**. Language Policy Division Directorate of School, Out-of-School and Higher Education DGIV Council of Europe, Strasbourg 2002. Disponível em <http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/castellottimooreen.pdf>. Último acesso em 18 de novembro de 2010.

COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. Madrid: Gredos, 1986.

_____. **Introducción a La Linguística**. Madrid: Gredos, 1986.

_____. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

COSTA, L. A. C. & FRANCO, S. R. K. **Ambientes virtuais de aprendizagem e suas possibilidades construtivistas**. São Paulo: Artigo publicado no Anais do GCETE - Congresso Global de Educação em Engenharia e Tecnologia, 2005. Disponível em <http://ricardosilvabr.blogspot.com/2008/07/ambientes-virtuais-de-aprendizagem-e.html>. Último acesso em 06 de dezembro de 2009.

DILLENBOURG, P. **Virtual Learning Environment**. 2003. Disponível em: <http://tecfa.unige.ch/tecfa/publicat/dil-papers-2/Dil.7.5.18.pdf>. Último acesso em 03 de outubro de 2010.

FOX, S. **Reflections on the Benefits of the Use of the New Learning Technologies in Higher Distance Education through the Prism of a Case Study**. Paper delivered at the 11th Cambridge International Conference on Open and Distance Learning, Cambridge, 2005. Disponível em <http://webpages.dcu.ie/~foxs/Cambridge%20Paper%202005%20-%20Fox%20-%20Ireland.pdf>. Último acesso em 14 de outubro de 2009.

FRANÇA, O. R. **O discurso e a prática do professor frente ao ensino de cultura em sala de aula de LE (inglês) e os parâmetros curriculares nacionais**. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras, UnB, Brasília, 2007.

FRANÇA, O. R. & SANTOS, C. A. B. **Visão e Abordagem cultural d Professores em Sala de Aula de LE (Inglês) e os PCNs**. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v.7, n° 2, p. 80 – 97, 2008.

GARCIA, D. N. M. & LUVIZARI, L. H. Aprendizagem de línguas em tandem como espaço para o desenvolvimento de habilidades de negociação e competência intercultural na formação de professores de línguas. In: TELLES, J. A. (Org.). **Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009, p.185 – 197.

GRAHAM, C. R. Blended Learning Systems: Definitions, Current Trends, and Future Directions. In: Bonk, C. J. & Graham, C. R. (Eds.). (in press). **Handbook of blended learning: Global Perspectives, local designs**. San Francisco, CA: Pfeiffer Publishing, 2005. Disponível em http://publicationshare.com/graham_intro.pdf. Último acesso em 16 de outubro de 2009.

GREGOLIN, I.V. Inovações no uso de recursos tecnológicos em cursos de língua estrangeira. In: SOTO, U. [et al]. **Novas tecnologias em sala de aula: (re)construindo conceitos e práticas**. São Carlos: Claraluz, 2009, p.35 – 42.

HYMES, D. "On Communicative Competence". In J. Gumperz and D. Hymes (Eds.) **Directions in Sociolinguistics**, Holt, Rinehart & Winston, 1970, pp. 269-293.

_____. **Foundations of Sociolinguistics: An Ethnographic Approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania P, 1974.

KURAMAVADILEVU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 129-148.

KENSKI, V. **As tecnologias invadem o nosso cotidiano**. In: Salto para o Futuro, Boletins 2002: TV na Escola e os desafios de hoje, Programa 2: As tecnologias na educação básica. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/tehd/tehdtx2a.htm>. Último acesso em 06 de dezembro de 2009.

KRAMSCH, C. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

_____. **Context and Culture in Language Teaching**. 6th. ed. Oxford: Oxford University Press, 2004.

KRASHEN, S.D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

_____. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon, 1982.

_____. **The input hypothesis: Issues and implications**. London, New York, 1985.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito antropológico**. 19.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

LEFFA, V. J. (Org.). **A Interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: Educat, 2003.

_____. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: Vilson J. Leffa. (Org.). **Pesquisa em Lingüística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-36.

LEVY, M. **Culture, culture learning and new technologies: towards a pedagogical framework.** Language learning and technologies, v. 11, n.2, 2007, p. 104 – 127. Disponível em < <http://lt.msu.edu/vol11num2/pdf/levy.pdf>>. Último acesso em 27 de novembro de 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGALHÃES, L. M. **Representações sociais da leitura: Práticas discursivas do professor em formação.** 2005. 186 fl. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MEIRELES, A. J. **Criando uma Aquarela: a formação de professores no uso de TICs na aula de línguas estrangeiras.** Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2010, 244 f. Dissertação de mestrado.

MENDES, C. M. & LOURENÇO, L. T. V. L. Teletandem: Um olhar sobre os aspectos culturais. In: TELLES, J. A. (Org.). **Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2009, p.171 – 184.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar** .São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. de. “Yes, Nós Temos Bananas” ou “Paraíba Não É Chicago, Não”: Um Estudo sobre a Alienação e o Ensino de Inglês como Língua Estrangeira no Brasil. In L. P. de Moita Lopes (Org.), **Oficina de Lingüística Aplicada.** Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 37-62, 1996.

MORAN, J. M. 2003. **Perspectivas (virtuais) para a educação.** In: Mundo virtual. Editora Fundação Konrad Adenauer, Rio de Janeiro. Cadernos Adenauer IV (2003) n°6, p. 31-45.

MORAN, J.M. **Gestão inovadora com tecnologias.** In: Gestão educacional e tecnologia. São Paulo: Avercamp, 2003, p. 151-164.

MORAN, J.M. **As múltiplas formas de aprender.** In: Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TICs. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 2008, entrevista, p.170-173.

NIETO, S. **Language, Culture and Teaching: Critical Perspectives.** 2 ed. New York: Routledge, 2010.

PAIVA, V. L. M. O. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica,** 2008. Disponível em <http://veramenezes.com/techist.pdf>. Último acesso em 15 de outubro de 2010.

SILVA, A. C. & SILVA, C. M. T. Avaliação em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, A. C.(Org.). **Aprendizagem em ambientes virtuais**. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 73 – 88.

SOUTO FRANCO, M. M. & ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O conceito de Competência Comunicativa em retrospectiva e perspectiva**. Revista Desempenho, v. 11, 2009, p. 04-11.

SPENCER-OATEY, H. & FRANKLIN, P. **Intercultural Interaction: A multidisciplinary Approach to Intercultural Competence**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

STIVAL, M. A. S. B. **UMA JANELA PARA O MUNDO: O uso da Internet para Desenvolver a Competência Intercultural em Aulas de Língua Estrangeira (Inglês)**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2011.

TELLES, J. A. (Org.). **Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

WHITE, C. **Language learning in distance education**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

ZOCARATTO (et al). **Suficiência e adequação dos componentes da Competência Comunicativa de um professor de LE sob análise**. Revista Desempenho, v. 10, nº 1 2009, p. 23-49.